

MELANCÓLICA MACABÉA, A ESTRELA E A DOR DE EXISTIR: a sobrevivência e o desalento na ditadura civil-militar

Augusto Sarmiento-Pantoja¹

Resumo

A melancolia pode ser considerada o mal da pós-modernidade, por isso ganha bastante espaço entre os conflitos do final do século XX e início do XXI, no Brasil temos o romance *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, como um dos primeiros textos a tomar o conflito do desalento urbano como representação do estado melancólico que toma conta da América Latina, motivado pela instalação de diversos regimes ditatoriais. A personagem Macabéa expressa em sua composição psíquica o desalento melancólico. Neste ensaio, apontamos como a melancolia no romance salienta as tensões presentes na sociedade pós-moderna, que no Brasil toma o discurso da sobrevivência e da desobrevivência por conta da condição subdesenvolvida demarcada pela impossibilidade da revolução das minorias, gerando o sentimento de derrota do povo brasileiro. O caráter melancólico, observado em Macabéa, espelha a melancolia atribuída ao narrador Rodrigo S. M., como forma de resignificação do desalento.

Palavras - chave: Melancolia, *A Hora da Estrela*, Modernidade. Ditadura. Sobrevivência.

¹ Professor de Literatura Vernácula, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutorando em Teoria e História Literária, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Líder do Grupo de pesquisa: Estéticas, performances e hibridismos (ESPERHI).

MELANCÓLICA MACABÉA, A ESTRELA E A DOR DE EXISTIR: a sobrevivência e o desalento na ditadura civil-militar

Olharfixo: melancólica Macabéa

Aqui, em meu país

irremediavelmente nordestino e miserável,
à luz elétrica de meu século,
sob todos os alfabetos do medo e da fome;

aqui,

entre o homem e o homem
(como dois sistemas totais
num universo de águas inacabado),

aqui vivo.

Age de Carvalho²

O projeto estético de Clarice Lispector destaca o romance *A Hora da Estrela*, como uma obra que se entrecruzam três histórias: uma do narrador Rodrigo S. M. responsável pela voz e a vida da nordestina Macabéa, descrita pela necessidade e a sobrevivência em uma metrópole que ao mesmo tempo a hostiliza por ser migrante e a marginaliza por ser sonhadora; na outra, encontramos o narrador refletindo sobre sua vida espelhada na de Macabéa, em um discurso autor-personagem; por fim “a própria narrativa em si, ou seja, as peripécias da narração” (Sousa, 2011:70), que leva a impossibilidade de felicidade diante do estado melancólico da sociedade.

Sobre a obra de Clarice Lispector encontramos diversos trabalhos que a consideram uma autora que escreve sob duas égides “a primeira, enquanto uma escritura em palimpsesto e a segunda, enquanto uma escritura em fragmento” (Nolasco, 1998:116). Seja em palimpsesto ou fragmento a escrita de Clarice rompe com a forma literária desde *Perto do coração selvagem*, até *A hora da estrela*. Os trabalhos se multiplicam na extensa crítica clariceana³ e cada vez mais nos depararemos com quase tudo sobre os textos de Clarice, mas o que ainda pode ser destacado em sua obra? No estudo em questão colaboramos com a crítica contemporânea no sentido de apresentar no romance de 1977 o debate por meio da personagem melancólica Macabéa o

²CARVALHO, Age de. **Arquitetura dos Ossos**. Belém: Falangola, 1980. p. 46.

³ Entre os pesquisadores de Clarice destacamos as teses de: Emília Amaral (2001), Sônia Oliveira do Amparo (1997), Angélica de Oliveira Castilho (2006), Leolpodo Comitti (1993), Gláucia Eneida Davino (1993), Natália Battela Gotlib (1993), Mayara Ribeiro Guimarães (2004), Sonia Maria Lanza (1996), Ana Augusta Wanderley Rodrigues de Miranda (2000), Aparecida Maria Nunes (1997), Yudith Rosenbaum (1997), Igor Rossoni (1993), Edgar Cezar Nolasco dos Santos (2003), Jeana Laura da Cunha Santos (1997), Rosália de Angelo Scorsi (1999), Ana Aparecida Arguelho de Souza (2003), Cesar Mota Teixeira (2007).

desalento em relação à realidade política brasileira e à condição humana em uma sociedade disposta no limiar entre a certeza da revolta e a destruição dos sonhos, já que a revolução não seria possível.

Essa proposição já se faz possível logo nas primeiras linhas de *A hora da estrela*, já nos apresentam o desalento e a melancolia que povoará a obra, como na DEDICATÓRIA DO AUTOR, quando Clarice desabafa:

Dedico esta coisa ai ao amigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, ai de nós. Dedico-me a cor rubra e escarlata como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a meu sangue. (...) Dedico-me a saudade de minha antiga pobreza quando era mais sóbrio e digno (...) a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que vós por não ser apenas mim, preciso dos outros para me manter em pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim o que é que se há de fazer se não meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. (Lispector, 1995:19)

Observemos que a obra será chamada de “essa coisa”, o estorvo de uma vida, que se transformou em livro, tracejado pelos sons, cores, sensações escarlates, do sangue que se incrusta no final da narrativa e é redimensionado pelo desalento da derrota, não somente na vida da nordestina de Macabéa, personagem central do romance, mas também da própria impossibilidade de mudar aquela sociedade, que desde o narrador, Rodrigo SM, que se criou no nordeste, incorpora o cenário melancólico de uma sociedade que precisa “meditar para cair no vazio pleno”, o qual ironicamente só seria possível quando passasse a olhar fixamente e percebesse que “aqui,/entre o homem e o homem/ (como dois sistemas totais / num universo de águas inacabado),/ aqui vivo”, como destaca a poesia de Age de Carvalho. Temos na figura do nordestino, em especial do retirante, uma metáfora da pobreza, isso porque “quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito” (Lispector, 1995:21).

Nesse sentido é preciso ir em busca do seu interior, de sua consciência sobre a sociedade para perceber que vivemos em uma “história em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê” (Lispector, 1995:20). Vivemos todos sem respostas diante do estado de emergência e calamidade social, dando condições para que o narrador correlacione o momento melancólico da sociedade com a impossibilidade de fazer uma obra acabada, capaz de responder aos seus anseios, isso porque estamos imersos em uma nuvem alheia aos acontecimentos da década de 70. O estado de

exceção produzido pela ditadura civil-militar brasileira dinamiza o desalento que impregna a obra de Clarice, tanto que o narrador de *A hora da estrela* resignifica sua escrita e quase implora que algum leitor possa lhe dar o caminho (a resposta) para tal calamidade.

A narrativa de *A hora da estrela* não recupera o tempo, nem o tema da ditadura brasileira, mas é responsável por inscrever nas linhas de sua narrativa a atmosfera da sociedade que não tem condições de mudar sua realidade, ora por conta dos próprios impedimentos legais do estado de emergência, ora porque “meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último e primeiro pulsar” (Lispector, 1995:20). Esvaziado o sentido, como destacam os estudos sobre melancolia iniciados por Sigmund Freud, quando associa a sua manifestação, aos efeitos da cultura sobre a subjetividade humana. Para ele:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (Freud, 1989, vol. XIV:146)

A expectativa de punição natural ao melancólico será observada amplamente em *A hora da estrela* pautadas nos elementos referentes ao perfil melancólico observado não apenas na personagem central do romance, mas, também no discurso do narrador quando se refere à moça, uma vez que, é através do olhar atento de Rodrigo SM que se configura a melancolia dentro da obra *A hora da estrela*, pois, esta, encontra-se em um estágio de sofrimento no qual ela própria não tem consciência do seu estado de letargia.

Na análise, busca-se identificar algumas tensões que desvelam a melancolia em *A hora da estrela* e a relação dessas mesmas tensões com o perfil do indivíduo desde a concepção de melancolia na antiguidade até a sua insistência na modernidade. Daí, esclarecer os mistérios que supostamente estão camuflados nas entrelinhas da obra por meio da melancolia da personagem Macabéa. Vale frisar que, contrário a outras personagens criadas por Clarice, Macabéa é um ser excepcional. Ela é um ser que poucas vezes se enuncia na obra, a moça apresenta uma enorme dificuldade em se pronunciar, sendo assim, para os objetivos propostos nesse trabalho, no que concernem as características da melancolia manifestados através da linguagem, consideramos mais apropriado o discurso do narrador Rodrigo SM que ao descrever a moça e suas atitudes, acaba expondo a aura melancólica que envolve Macabéa.

Escrita do corpo

Como é que num corpo cariado como o dela
cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse
que tinha?
(Lispector, 1989:78)

No debate da crítica sobre a obra de Clarice Lispector, Benedito Nunes (1989) considera que é possível identificarmos na escrita clariceana, desde *Perto do coração selvagem* a *O livro dos prazeres* uma nítida linha de continuidade temática que configuram a concepção de mundo da autora. Desse modo:

Autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o *eu* e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidade e animalidade, tais são os pontos de referência do horizonte de pensamento que se descortina na ficção de Clarice Lispector (Nunes, 1989:99).

Tais pontos de referência que demandam a escrita da autora se evidenciam nas obras através de uma investigação profunda que busca atingir as camadas intrínsecas da mente humana. As personagens claricianas estão atravessadas pela dimensão psicológica, em que se destaca uma espécie de pensamento inquiridor, como o narrador Rodrigo SM destaca “Ela me incomoda tanto que fiquei oco. [...]. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? [...]. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra?” (Lispector, 1989:27). O diálogo, com o texto e com o leitor, leva o narrador à busca de uma resposta para a passividade da moça diante da vida, de modo que, a vida de Macabéa acabando refletida na vida do narrador, como ocorre no início e vai se prolongando até o final do romance:

Macabéa me matou.
Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo.
(Lispector, 1989:105)

A morte de Macabéa é a morte de Rodrigo SM e ironicamente transfigura-se na morte de Clarice, pois coincidentemente, ocorre no ano de lançamento de *A hora de estrela* (1977). Conjugam-se as estrelas e a morte, no susto do narrador-personagem “Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas - mas eu também?!” (Lispector, 1989:106).

Clarice considera que sua obra contará uma “história exterior e explícita” (Lispector, 1989:27) que para Scliar (2003), representa contrariada trajetória da autora, considerada pela crítica como intimista e implícita. O estilo narrativo de Clarice se distingue dos poetas engajados, que defendem projetos políticos, morais, sociais, entre outros. Ao mesmo tempo, revela uma consciência crítica da humanidade, sem as bandeiras do engajamento, por isso ela afirma: “Tem gente que cose para fora, eu coso para dentro” (Lispector, 1989:5), assim por meio da linguagem ela resiste, questiona e problematiza a sociedade, mesmo quando estamos sob as malhas de um estado repressor, margeado pelos diversos instrumentos de censura como destaca Tânia Pellegrini (2002:358-359):

A censura, na verdade, não foi apenas uma força geradora das ‘narrativas de resistência’ à opressão do regime - que efetivamente se configuraram, sobretudo com temas e soluções formais específicas -, mas um elemento a mais, compondo, juntamente com outros, um novo horizonte de produção. Isso porque o Estado utilizou a censura como uma faca de dois gumes: de um lado, ele impediu um tipo de orientação, o de conteúdo político de esquerda, mas, de outro, incentivou aquele que reafirmava o *status quo*.

A escrita de Clarice resiste, subverte. Não como uma escrita temática, mas como uma escrita imanente, como destaca Alfredo Bosi (2002:130), ao considerar que na obra de Lispector: “a narrativa oscila entre o confidencial e o metafísico. O tempo do relógio é suspenso e a imaginação se projeta e se desdobra em um espaço fluido e sem margens.” A análise em questão se refere à *Paixão segundo GH*, mas se aplica muito bem a *A hora da estrela*, como analisa Clarisse Fukelman, pois na obra

Os sonhos deixam fluir ‘a penumbra atormentada’- atormentada porque toca na verdade, que ‘é sempre um contato interior e inexplicável’. A aventura paradoxal dessa ficção consiste em pôr às claras algo que se caracteriza pela obscuridade. Para conseguir a integração entre palavra e sentido trata a primeira como um corpo a ser trabalhado e põe à frente o seu próprio corpo a captar os sinais ocultos do ser: ‘Eu não sou um intelectual escrevo com o corpo’. (Lispector, 1989:15)

A escrita do corpo, com o corpo de Clarice, produz o sentido de fluidez do tempo no romance, amálgama da presença e ausência de corpos que apesar de existirem não conseguem se vê existente, pois não são reconhecidos como gente, não são ouvidos como regentes de suas próprias vidas. Vejamos como Rodrigo SM analisa sua Macabéadiante de sua relação com a vida e o seu corpo:

Tornara-se como o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de

ser infeliz de uma vez e ter pena de si. (Quando penso que poderia ter nascido ela – e porque não? – estremeço. E parece-me covarde fuga ao fato de eu não a ser, sinto culpa como disse num dos títulos.) (Lispector, 1989:54).

A pena de si, a certeza de sua infelicidade inunda o cotidiano de nossa heroína e das angústias do narrador são as referências para a percepção do desalento vivido pela sociedade endurecida pela repressão da ditadura civil-militar brasileira. Deste modo no romance, salienta Clarisse Fukelman, “existe algo de novo para além do insólito prefácio, em forma de dedicatória” (Lispector, 1989:6), já que a trama engendra um embate entre o escritor brasileiro moderno e a condição indigente da população brasileira. A intimidade com que o choque social é apresentado, a agudeza na investigação da natureza e psicologia humana são algumas das peculiaridades do romance. O que faz com que compreendamos que Clarice extrapola os limites da própria linguagem e vai além da sondagem interior, principalmente quando traz o narrador Rodrigo SM a se confundir ora com a escritora, ora com a heroína, em circunstâncias diversas, pois não se contém em apenas contar a vida da nordestina Macabéa e questionar não somente o ser humano em sua existência, mais, a própria realidade a partir de indagações sobre a linguagem e sobre o seu papel como escritor mediante a condição da moça. Com isso, encontramos o narrador Rodrigo navegando pelo inconsciente da nordestina, revelando suas angústias e desalento, sentimentos que na verdade salientam a própria vida da escritora no momento em que escreveu a referida obra e de uma realidade que no final da década de 1970 representa o estado da própria intelectualidade, soterrada pela derrota dos movimentos de resistência à ditadura brasileira, mesmo que Clarice não tenha relações diretas com a luta pelo fim da ditadura.

Jaime Ginzburg (2003) caracteriza a obras de Clarice como detentoras de problemas formais que apontam para tensões da sociedade brasileira em que “uma das mediações consiste em que uma constituição problemática do sujeito está associada à construção de personagens e vozes narrativas de acordo com princípios estéticos que suspendem a objetividade do realismo tradicional.” (Ginzburg, 2003:87). Por isso, a obra clariciana gera uma ruptura com a tradição, questionando a temporalidade e a causalidade clássica, fazendo com que :

De Joana a Macabéa, as principais personagens de Clarice Lispector estão fora do campo de exercício de poder constitutivo da sociedade brasileira, o patriarcado. Muitas delas se mostram com dificuldades de interagir com a realidade, por despreparo, desamparo ou fragilidade.

Várias demonstram dificuldade em adequar sua experiência e seus valores às contingências externas. (Ginsburg, 2003:86)

Em meio a essas primeiras impressões a respeito da escrita clariceana, sobretudo do projeto literário desenvolvido na obra *A hora da estrela*, acredita-se que um dos aspectos que merece ser investigado no referido romance é o comportamento da personagem Macabéa que nos remete a um perfil melancólico bem como, o discurso engendrado pelo narrador Rodrigo SM que reforça tal estado melancólico.

Melancolia: um sentimento...

Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha mais profunda tristeza e que tristeza era uma alegria falhada.
(Lispector, 1989:50)

Ironicamente a alegria é uma tristeza, nas palavras do narrador de *A hora da estrela*, justamente como acontece a milhares de anos, pois a melancolia não é um sentimento do modernismo ou do pós-modernismo, ele é uma “antiga acompanhante da humanidade, e assim como esta última, também possui uma história cheia de inconstâncias, e que pode ser acompanhada de inúmeras manifestações” (Jarek, 2008:9).

Moacir Scliar destaca, em *Saturnos nos Trópicos*, que na antiguidade clássica a medicina de Hipócrates atribuía o desequilíbrio humano aos quatro humores básicos do corpo: o sangue, a linfa, a bílis amarela e a bílis negra. Estes humores eram responsáveis pelas doenças e temperamentos humanos. Sendo assim, Hipócrates, sintetizou suas observações afirmando que a melancolia, “é a perda do amor pela vida, uma situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma bênção”. (Scliar, 2003:81). De outro modo, Aristóteles considera que a melancolia era ao mesmo tempo, um comportamento inconstante e fascinante relacionado à genialidade humana, percebida nos homens que se destacaram na filosofia, na ciência do Estado, na poesia ou nas artes. Assim a melancolia passa de uma patologia a uma característica de genialidade.

O conflito antigo vai se mantendo na medida em que os filósofos helenistas e o médico Galeno de Pérgamo (129 a 200 d.C) consideravam necessário para o equilíbrio do corpo a conjugação de elementos opostos, como “ao demasiadamente quente indica-se o frio e ao demasiadamente libertino sugere-se o estoicismo” (Jarek, 2008:10). O conflito entre os opostos, como “tristeza” e “alegria”, destacado em *A hora da estrela*, revela o perfil do estado melancólico que povoa nossa sociedade.

Scliar associa melancolia à astrologia e considera que os humores relacionam-se aos planetas, por isso, a melancolia passou a ser compreendido nesse sistema como um signo de planeta distante e de lenta evolução: Saturno. Por isso, “até hoje o qualitativo soturno, corruptela de Saturno, é sinônimo de melancólico” (Scliar, 2003:74). Assim, a distância da vida e do mundo que o cerca torna-se marcante na relação de Macabéa e de Rodrigo no romance, como vemos:

O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade que há no prenúncio. Quando eu me livrar dessa história, voltarei ao domínio mais irresponsável de apenas ter leves prenúncios. Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo. (Lispector, 1989:45)

Rodrigo sabe da debilidade de Macabéa e tem consciência de sua debilidade, ao ponto de perceber que o fim do romance, poderia ser sua liberdade, mas não positiva, pois apesar de levá-lo a perceber seu encantamento e amor por ela, o destrói. Mas como seria possível amá-la:

(Mas quem sou eu para censurar os culpados? O pioré que preciso perdoá-los. É necessário chegar a talnada que indiferentemente se ame ou não se ame o criminoso que nos mata. Mas não estou seguro de mim mesmo: preciso perguntar, embora não saiba a quem, se devo mesmo amar aquele que me trucidada e perguntar quem de vós me trucidada. E minha vida, mais forte do que eu, responde que quer porque quer vingança e responde que devo lutar como quem se afoga, mesmo que eu morra depois. Se assim é; que assim seja.) (Lispector, 1989:100)

A melancolia aqui se aproxima da percebida no Antigo Testamento, nas passagens bíblicas sobre os reis israelitas, descritos como personalidades complexas, ambíguas e portadoras de clarividências. Rodrigo SM é clarividente, vai do prenúncio a certeza de que sua amada é sua desgraça, a ama e a odeia, mas antes de tudo enxerga nela a sua impossibilidade, diante do caos produzido pela sociedade melancólica, que apesar do discurso de desenvolvimento, vive uma crise que é existencial.

Mas a Igreja católica, durante a Idade Média, associa a melancolia ao pecado da acídia, desse modo ser melancólico representa estar acometido de um espírito maligno, fomentador da solidão e das tentações da carne. O indivíduo acometido pela acídia se mostra desgostoso inquieto e sonolento, perde o gosto pela vida, abrindo espaço para que o corpo e a vida sejam desprezados, dando espaço para o florescimento do desejo de morte e a separação do homem de Deus, Como destaca Rodrigo: “Só uma coisa eu sei:

não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso?” (Lispector, 1989:103), essa posição fere o estatuto medieval da busca pela santidade.

No Renascimento, a melancolia passa a representar “o protótipo de uma subjetividade que prenuncia o surgimento do sujeito moderno” (Kehl, 2009:68). Que neste momento faz com que o homem se veja diante de um mundo de inovação e de conhecimento produzindo uma mudança no valor da melancolia, pois

a melancolia renascentista adquire, assim, um prestígio muito diferente do abatimento da vontade característico da acedia medieval. O melancólico do humanismo, convocado a buscar em si mesmo a medida de suas escolhas, reúne vontade de saber, consciência de si, busca de sentido, angústia diante da escolha. (Kehl, 2009:69)

A consciência de si, dentro do romance está marcada pela impossibilidade de transformação, gerando assim o desalento, pois “logo eu que constato que a pobreza é feia e promíscua. Por isso não sei se minha história vai ser - ser o quê? Não sei de nada, ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá. Mas quais? Também não sei.” (Lispector, 1989:36). Por isso, cabe ao homem escolher o que quer ser. Entretanto, percebendo sua insignificância em relação ao mundo, resta-lhe angústia e o sofrimento. Ser melancólico representa um estado de espírito diferente, já que gera uma apatia diante os novos recursos investigativos racionais e diante do avanço da ciência de seu tempo.

Maria Rita Kehl (2009:70) destaca que o sujeito moderno nunca mais deixaria de se sentir vacilante em razão a perda de um saber, que a ciência não é capaz de reconstituir, e lhe impõe a incerteza do Outro. Assim, nos primeiros séculos da modernidade, o desejo do Outro se torna mais inacessível aos sujeitos, cujo desamparo se manifestava por meio da melancolia: o homem estava em desacordo com o mundo que o cercava. Vejamos como Clarice nos apresenta esse desacordo em *A hora da estrela*, para ela: “Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente - é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.” (Lispector, 1989:25). Neste caminho, discutindo a melancolia na modernidade, Maria Rita Kehl destaca como o poeta símbolo da melancolia moderna, Charles Baudelaire concebe a melancolia:

Na grande Paris, capital do século XIX, a condição melancólica do sujeito moderno é representada pelo poeta *flâneur*, que vagueia em busca de fragmentos do passado (recalcado?) na contramão da multidão urbana composta de operários, mendigos, velhos, bêbados, prostitutas e todos os desgarrados [...] Em Baudelaire, a forma

subjetiva do indivíduo já se completou: ele se vê isolado entre seus semelhantes. (Kehl, 2009:21)

Em desacordo com o mundo que o cerca, o melancólico moderno sofre o *spleen*, forma moderna da acídia, que em Baudelaire é próximo do tédio. Segundo este poeta, o *spleen* seria uma manifestação da indolência natural dos inspirados, próximo ao que ocorre com Macabéa, quando considera que “Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio - um tédio até muito distinto” (Lispector, 1989:57).

Encontramos também o desencanto e a falta de vontade do melancólico diretamente relacionado ao efeito de um desajuste ou mesmo de uma recusa das condições simbólicas do laço social. Nesse sentido, Walter Benjamin, interpreta o Romantismo tardio de Baudelaire como uma tentativa de superação do desencanto melancólico produzido pelo fracasso das revoluções, pelo desalento do indivíduo diante de um tempo brutal, cunhado pelo capitalismo. Vejamos como essa capitalismo se apresenta no contato de Macabéa com Carlota:

- Não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha. Porque quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus. E apontou o quadro colorido onde havia exposto em vermelho e dourado o coração de Cristo.

- Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranhou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar. Você está interessada no que eu digo? (Lispector, 1989:91)

A relação entre elas reflete o desinteresse de Macabéa pela história de vida daquela prostituta, pois o mercado, que um dia foi valoroso e dava condições de sobreviver de seu corpo, mudou e se transformou no espaço de sofrimento. Porém a uma ascese, pois ela conseguiu sair da condição subalterna de explorada e passou à exploradora. Mas como é possível explorar sem deixar de ser explorada? Por isso, a prostituta teve que deixar a sociedade em uma casa de mulheres, pois mesmo sendo patroa, mantinha-se explorada, pois elas “só faziam querer me roubar”.

O melancólico está preso em um tempo morto, em que o Outro deveria ter comparecido, mas não compareceu. Mas não podemos confundir com o tempo do depressivo, pois o que temos na melancolia é o refúgio contra a urgência das demandas

do gozo do Outro. “Se o melancólico representa a si mesmo como alguém sem futuro, o depressivo recua de todo movimento adiante na tentativa de adiar ao máximo o encontro com um Outro excessivamente voraz” (Kehl, 2009:21).

Freud já chamava atenção sobre isso em sua obra “Luto e Melancolia”, como já vimos, nos mostra que a distinção entre melancolia e depressão só foi possível quando Freud resgata para o terreno da psicanálise o entendimento das chamadas psicoses maníaco-depressivo, utilizando o termo melancolia para diferenciar a psicanálise da psiquiatria do século XIX e início do século XX, embora Freud tenha usado doze termos para se referir a esse estado de sofrimento, tais como: “depressão, depressão periódica, depressão periódica branda, afetos depressivos, melancolia, melancolia senil, melancolia genuína aguda”. (Moreira, 2007:37)

Mas os estudos de Freud sobre a melancolia tanto ampliou o campo da intervenção da clínica psicanalítica, como rompeu a longa tradição ocidental para a qual o melancólico era entendido “como um sujeito que ocupava uma posição excepcional ou excêntrica no laço social”. (Kehl, 2009:21).

O indivíduo melancólico traz em si a marca de uma perda que não consegue repor. Assim, a perda do objeto estimado é transformada numa perda refletida no próprio Ego; daí o indivíduo entrar em estado de desânimo, perder a capacidade de amar, buscar a autopunição, e mostrar desinteresse pelo mundo externo. Traços estes percebidos na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Macabéa, Rodrigo e Clarice: ecos melancólico

Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu; que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada.
(Lispector, 1989:75)

O sentido se perdeu! Parou de pensar! Assustou-se com sua realidade ou com sua ficção, ou com a necessidade de mostrar um desalento em relação à vida melancólica que vivemos nos anos de chumbo. Parece-nos que o romance *A hora da estrela*, gera um eco do estado melancólico não só da personagem Macabéa, nem só do narrador Rodrigo SM, nem mesmo da autora Clarice. Temos o romance que quebra os paradigmas, pois revela que a sociedade foi engolida pela melancolia, uma perda, uma ausência, uma falta, que não tem como ser medida. O desejo pelo *happyand*, transforma-se em frustração por saber que a felicidade é clandestina. Não estamos embarcados nos finais felizes, pelo contrário, estamos embarcados na incerteza, de um

futuro, que na atualidade da escrita de *A hora da estrela*, estrela a decepção em relação à revolução que não aconteceu.

Desse modo, O comportamento melancólico pode ser verificado tanto pelas atitudes das personagens quanto por elementos textuais, como: a ambiguidade, antíteses, sinestésias, paradoxos entre outros, que certamente, não se restringem ao romance, estão interpostos no dia-a-dia do estado repressor, pois o povo não conseguiu, representativamente, entrar nos conflitos e lutar pela queda da ditadura.

Moacir Sciliar (1974), ao analisar a personagem Macabéa, considera que ela não era uma pessoa triste, porque nem triste ela conseguia ser. Tristeza “era coisa para rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo”. (Lispector, 1989:79). Parece-nos que ao pobre resta a tristeza, não aquela de ter perdido a guerra, mas a de nunca ter encarado o fronte, pois como seria possível ser herói ou heroína se não o pobre não sabe o porquê de estar vivo:

Tristeza é, pois, o equivalente da melancolia. Macabéa é ‘crônica’. ‘Vazia, vazia’, ela não consegue sequer sofrer. Não se trata de fome, não se trata de doença. Trata-se de uma forma extrema de alienação. Macabéa não vai, como Macunaíma, transformar-se em constelação — quem é ela para isso? A hora da estrela é para ela ‘a hora de nossa morte, amém’. (Sciliar, 1974:241)

Como bem evidenciou o autor, tristeza é uma das características manifestadas pelo ser melancólico e esse aspecto de tristeza, emerge a figura de Macabéa e norteia *A hora da estrela*, já que a presença da melancolia se dá também pelo cenário conturbado que cerca o romance, mesmo que não tenhamos nenhuma passagem do romance que destaque os tempos sombrios da ditadura. Pois as tensões presentes na sociedade pós-moderna, no Brasil será emoldurada pelo discurso da sobrevivência e da tal de-sobrevivência, pelo fato da melancolia gerar uma impossibilidade de sobreviver, por conta da condição subdesenvolvida e demarcada pela impossibilidade de realização da revolução das minorias. Isso produz um fruído sentimento de derrota de nossa sociedade.

Portugal (2009) considera a melancolia como elemento constituinte de processos internos de personagens clariceanas, no qual, a atmosfera melancólica se manifesta por meio de um movimento ambíguo e contraditório. Para o autor, as obras de Clarice se constroem através de uma escrita fragmentária que prima pelo discurso indireto livre na tentativa de captar os pensamentos mais íntimos das personagens protagonista, que vive

na constante busca de sua identidade, entre a memória da infância e os impasses da vida adulta, caso parecido encontramos na narração de Rodrigo SM, quando descreve que

as vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas - ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão. As meninas de cabelos ondulados com laço de fita cor-de-rosa. 'Quero uma de vossas filhas de marré-marré-deci.' 'Escolhei a qual quiser de marré.' A música era um fantasma pálido como uma rosa que é louca de beleza mas mortal: pálida e mortal a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca. Então costumava fingir que corria pelos corredores de boneca na mão atrás de uma bola e rindo muito. A gargalhada era aterrorizadora porque acontecia no passado e só a imaginação maléfica a trazia para o presente; saudade do que poderia ter sido e não foi. (Eu bem avisei que era literatura de cordel embora eu me recuse a ter qualquer piedade.) (Lispector, 1989:48)

O passado também é motivo para gerar o terror de uma vida sem direitos e sem valor. Desse modo, "o mundo moderno é o mundo do fragmentado, da impossibilidade de uma unidade coerente, mundo em ruptura e em constante processo de reconstrução". (Portugal, 2009:16). É assim que se desenvolve o discurso nas obras de Clarice Lispector, os quais exploram a solidão e a incomunicabilidade humana, que apontam para uma visão crítica dentro da sociedade moderna sem que seja necessário falar de uma história política, mas destacar uma política histórica da melancolia e dos traumas humanos. Desse modo, Clarice Lispector da mesma forma que inicia o romance o finaliza: diz sim, mas um sim insignificância dos pobres que não tem como lutar, mas precisamos narrá-las.

Referências:

Ginzburg, Jaime (2003). Clarice Lispector e a razão antagônica. Schmidt (org.) A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível. (Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto)

Gotlib, Nadia Battela 1995. Clarice: uma vida que se conta. (São Paulo: Ática)

Kehl, Maria Rita 2009. O tempo e o cão: ensaio sobre as atualidades das depressões. (São Paulo: Boitempo)

Lispector, Clarice 1989 (1977). A hora da estrela. (Rio de Janeiro: Rocco)

Jarek, Marcio 2008 "Entre a hesitação e a ação: a melancolia, a literatura e o Barroco em Walter Benjamin" em Cadernos Walter Benjamin. (Fortaleza: EDUECE) Vol. I.N. 1.

Moreira, Moacyr Godoy 2007. Linguagem e melancolia em *Laços de Família*; histórias feitas de muitas histórias. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP.

Nolasco, Edgar César (1998). Clarice Lispector e o mal-estar na literatura. (Belo Horizonte: Em Tese) Vol. II, Nº 1.

Nunes, Benedito 1989. O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática.

Portugal, Daniel da Silva 2009. A vária máscara de Joana: a melancolia em *Perto do coração selvagem*. Dissertação de Mestrado. (Natal: UFRN)

Scliar, Moacir 2003 (1974). Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil. (São Paulo: Companhia das Letras)

Sousa, Rodrigo Molo 2011. O sujeito deslocado em *A hora da estrela*. Em Revista Letras. (Brasília: Universidade Católica de Brasília). Vol. IV, Nº 2.